

A VOZ DOS QUILOMBOS: NUMA ANÁLISE DISCURSIVA E IDEOLÓGICA

SUZART, Janete Fernandes

UNEB - Universidade Estadual da Bahia

janeth.suzarth@gmail.com

Resumo: Com esse trabalho objetiva-se analisar o discurso de quilombolas, que vivem no Vale do Paraíba no Rio de Janeiro, aplicando pressupostos teóricos da Análise do Discurso, filiada a Pêcheux, numa perspectiva discursiva, formação discursiva, interdiscurso, posição sujeito e sentidos. O corpus selecionado foram discursos desses quilombolas, retirados do documentário "A voz dos quilombos". Foram selecionados dois discursos para a composição do corpus.

Nesse trabalho concebe-se o sujeito na análise do discurso como histórico, múltiplo e disperso, ele é ao mesmo tempo livre e submisso. Que as condições de produção do discurso, estão relacionados a função que o sujeito desempenha, e que, por viver-se numa sociedade hierarquizada, as relações de força e de poder se mantêm pelos papéis sociais desempenhados por cada sujeito; e que o sujeito é interpelado por uma formação ideológica específica.

Palavras-chaves: Formação discursiva; formação ideológica; sentidos.

ABSTRACT: With this work we aim to analyze the speech of Maroons, who live in the Paraíba Valley in Rio de Janeiro, applying theoretical principles of Discourse Analysis, affiliated to Pecheux, a discursive perspective, discursive formation, interdiscourse, subject and position senses. The corpus of these speeches were selected Maroons, taken from the documentary "The voice of the Quilombo." We selected two speeches for the composition of the corpus.

This work is conceived on the subject as historical discourse analysis, multiple and dispersed, it is both free and submissive. That the conditions of discourse production, are related function that the subject plays, and that to live in a hierarchical society, the relations of force and power is maintained by the social roles played by each subject, and the subject is asked by a specific ideological formation.

Keywords: Training discursive; ideological training; senses.

1. INTRODUÇÃO

Os discursos ora analisados foram selecionados do documentário, "A voz dos quilombos", realizado pela Superintendência da Igualdade Racial e Assistência Social dos Direitos Humanos do Rio de Janeiro, em 2008, com o apoio da SEPPPIR- Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; com o propósito de dar visibilidade aos costumes, necessidades e tradições dos remanescentes de quilombos da Região do Médio Paraíba, interior do Rio de Janeiro.

A Fundação Cultural Palmares, ligada ao Ministério da Cultura, mapeou 3.524 comunidades quilombolas no Brasil, no entanto há discordância quanto a esse levantamento, para outras fontes de pesquisa, o número total de comunidade de quilombos, pode chegar a 5.000. Desses apenas 1.838 comunidades estão certificadas, ou seja, possuem a titulação das terras onde vivem. Em 20 de novembro de 2003, o decreto 4.887, regulamentou o reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelas comunidades quilombolas. Essas ações são coordenadas pela SEPPPIR, através da Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais (Dados Fundação Cultural Palmares, 2012)

Na Região do Médio Paraíba, RJ, existem 32 comunidades quilombolas, mas apenas uma delas tem suas terras tituladas, são 2.086 famílias aguardando o processo de certificação.

O que se pretende analisar nesse trabalho é a formação discursiva, posição sujeito, os sentidos com base na teoria da Análise do Discurso da linha francesa nos discursos de quilombolas e sua relação com os discursos de outros grupos.

Nesse trabalho serão evidenciadas algumas noções necessárias para a interpretação dos discursos; como o próprio discurso; os sentidos; formação discursiva.

A noção de discurso para a Análise do Discurso, segundo Orlandi (1999, p.21); não é apenas uma transmissão de informações, e sim um complexo processo de constituição de sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, ou seja, o sujeito do discurso está inscrito em um espaço ideológico, representando um lugar social influenciado pela formação discursiva que o domina, a realidade onde vive. Os discursos são constituídos em um processo histórico-social.

Quanto à noção de sentidos, eles são produzidos de acordo com a posição sujeito, as palavras ganham significado de acordo com o falante (época, lugar social), Orlandi (1999, p. 42,43) diz que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Ou seja, as

palavras recebem sentido, conforme as posições em que o sujeito se inscrevem em relação às formações ideológicas.

A formação ideológica é um conjunto de formações discursivas, é por ela que o indivíduo é interpelado, mas não tem consciência dessa interpelação, ao contrário pensa que é dono do seu discurso, que ele fala por ele mesmo. De acordo com Brandão (2006, p.48), são as formações discursivas que em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe determinam, "o que pode e deve ser dito", a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.

Conforme Baronas (2011, p. 2) é na formação discursiva que se definem os conceitos com os quais operará e as diferentes estratégias que serão utilizadas para definir um campo de opções possíveis, o autor citando Foucault "é jogar diferentes partidas". São as várias posições que o sujeito ocupa na formação discursiva.

Dizendo de outro modo, na Análise do Discurso, o sujeito é múltiplo, disperso, ocupa várias posições no discurso, sua história pessoal está inserida na história da sociedade que por sua vez está marcada por uma ideologia.

E por fim a noção de interdiscurso para Orlandi (1999, p.30-31), é a memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. Ou seja, é pela memória discursiva que é possível circular discursos anteriores.

Concordando com Gondim (2009, p.12), se a análise do discurso consiste em evidenciar os sentidos dos discursos, levando em conta suas condições de produção sociais, históricas e ideológicas, é preciso ir além do texto e encontrar as condições que o produziram para se ter acesso ao sentido.

É o objetivo do trabalho analisar os discursos dos quilombolas, as condições de produção desses discursos para encontrar sentido neles. O artigo será assim desenvolvido a composição do corpus, foram selecionados dois discursos para análise e durante a análise retornaremos ao aporte teórico do trabalho, a Análise do Discurso. Após a análise faremos as considerações sobre o estudo realizado.

2. O DISCURSO COMO INSTRUMENTO ESTRATÉGICO DE AÇÃO E LUTA .

Na Análise do Discurso a noção de formação discursiva é utilizada para compreender como os sentidos são produzidos e qual é a sua relação com a ideologia, (ORLANDI, 1999, p.43), nesse sentido passa-se a analisar o primeiro discurso selecionado;

"Qual é a realidade do negro hoje no Brasil? Porque que eles foram os que trouxeram esse patrimônio enorme para o nosso país, mas acontece que nem as crianças têm noção disso, de quanto que os pais deles, as avós deles, deram esse benefício para o nosso país, se o Brasil é gigante que é hoje, é

graças a raça negra, só que para os nossos filhos é passado, dizem que eles tem que se envergonhar, pois eles são negros".(grifo nosso) - D. A. S. quilombola, cerca de 40 anos, vive na comunidade de Alto da Serra-Rio Claro, na Região do Médio Paraíba- RJ.

Para a quilombola, a sua história, a história do seu povo, a contribuição da raça negra reivindicada por ela na formação da nação brasileira, não é passado; a palavra "passado" aí ganha o sentido de inutilidade, sem conotação de valor, o valor que ela como descendente do povo negro não quer esquecido. O sentido de se envergonhar de ser negro está relacionado ao passado que deve ser esquecido, dizendo melhor, a história é vergonhosa, sem mérito, é história de escravos. Esse apagamento da história do povo negro tem fundamentos na teoria do embranquecimento da população brasileira, que surgiu aliada a idéia de "progresso" e ao crescimento da economia internacional, trazendo as raízes do racismo, defendida inclusive por estudiosos das ciências, médicos e outros, e que, apesar do tempo, esses discursos ainda estão aí, de vez em quando retomados com nova roupagem. Ao considerar a história do negro como passado, ou seja, não precisa ser lembrada, muito menos valorizada, e de que os negros devem se envergonhar por serem negros, esses discursos estão inscritos na ideologia do racismo, que consiste na classificação das raças e reafirma a superioridade da raça branca sobre as demais. Segundo Maringoni (2011), essa teoria passou a existir dentro de cada país, mesmo nos países periféricos, como explicação determinista para a dominação de classe. O desnível social e a europeização acrítica de suas camadas dominantes.

Ao contrário dessa ideologia, encontra-se o enfrentamento ao racismo e todas as formas de discriminação, seja ela de raça, etnia, orientação sexual ou gênero, é nessa formação discursiva que se encontra o discurso da quilombola, ou seja na inclusão do povo negro e suas lutas por igualdade racial.

Retomando a teoria, é justamente desse jogo estratégico e polêmico do qual fala Brandão (2004, p.32), citando as idéias de Foucault sobre o conceito de discurso, "o discurso não pode mais ser analisado simplesmente sob o aspecto linguístico, mas como um jogo estratégico de ação e de reação, de perguntas e resposta, de dominação e de esquivas e também como luta".

No caso da quilombola, há uma contra-identificação com a formação discursiva dominante, ela se coloca como o mau sujeito. Segundo Costa (2009), o sujeito da enunciação se volta contra a forma sujeito universal por meio de uma separação que se dá pelo distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta contra a evidência ideológica apresentada pela forma sujeito universal, ou seja, desconfia da eficácia dos saberes apresentados pela formação discursiva do sujeito universal, passa para uma posição contraditória no interior da forma sujeito que o circunscreve.

Ela quer que a história do seu povo, da sua comunidade seja reconhecida e valorizada e não signifique "passado" e sim "presente", que toda riqueza acumulada, todo

progresso conseguido, com a contribuição do seu povo, seja dividido de maneira mais igual e que a sua comunidade, suas crianças conheçam e se orgulhe dessa história.

3. O FUNCIONAMENTO DAS RELAÇÕES DE FORÇA NO DISCURSO.

Passa-se a seguir a análise do segundo discurso, esse discurso foi dividido em duas partes; na primeira parte o discurso fala sobre a questão das terras e na segunda parte sobre a limitação do ir e vir dentro da propriedade quilombola.

"Nasci e cresci, sabendo que essa terra era da gente, era dos negros da comunidade. Só que os antigos dono da terra, ele deixou um documento, nunca chegou na mão da gente, ...eu mesmo nunca tomei conhecimento desse documento." A. do N. F. (Toninho Canecão), um dos líderes comunitário, 50 anos, morador do quilombo São José da Serra , Valença-RJ.

O significado de terra para um sem-terra, um pequeno agricultor, que sobrevive da agricultura de subsistência, uma comunidade indígena, tem o mesmo sentido para um quilombola, é essencial para a sua sobrevivência, pois vivem de pequenas plantações, denominadas roças, a relação do quilombola com a terra é visceral, diferentemente do significado de terra para um grande agricultor, um produtor comercial, que cultiva enormes hectares de terras para comercializar, sua relação com a terra é comercial, visa obter lucro. Para melhor explicar essa relação Orlandi (1999, p.44), diz que é pela referência á formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.

Quando o quilombola refere-se ao antigo dono da terra, geralmente se fala de proprietários de grandes hectares de terras, durante a colonização brasileira essa divisão de terras se inicia com a divisão das terras da colônia em capitâneas hereditárias, os proprietários receberam as terras das mãos do rei da época, eram homens ricos e europeus e por serem hereditárias eram passadas para os herdeiros. Assim com essa origem burguesa, a questão das terras no Brasil sempre foi problemática, elas até hoje estão concentradas nas mãos dos ricos, os indígenas perderam suas terras por causa das invasões e exploração colonial e atualmente continua perdendo espaço para os grileiros. Para os negros, por causa da sua condição de escravos, saído do processo de abolição sem nenhum direito civil garantido, a posse da terra tornou-se quase impossível. Como a terra sempre significou status, riqueza, sempre esteve nas mãos da classe dominante. Voltando ao discurso, têm-se um quilombola, em pleno século XXI passados mais de um século da abolição da escravatura, reivindicando uma porção de terras para sobreviver. Reafirmando que a única atividade econômica dessas comunidades, é a agricultura de subsistência, sem a titulação das terras podem ser expulsos delas a qualquer momento, como o próprio quilombola diz, eles ouviram falar da documentação das terras, deixada pelo antigo dono, mas eles mesmos nunca viram o documento, o que reforça que a

qualquer tempo, pode haver reintegração de posse. Pode-se analisar na sua fala, que os negros ainda se encontram vulneráveis na sociedade brasileira, é no espaço do trabalho que eles enfrentam as maiores dificuldades; após a abolição a maioria dos ex-escravos perambulavam pelas grandes cidades sem trabalho, o Estado se encarregou de formular leis, normas para com violência punir o que eles denominaram de "vadiagem", os castigos aplicados com o chicote, foram substituídos pelos castigos normatizados, legalizados pelos aparelhos ideológicos do Estado. Atualmente os negros ainda são relacionados ao ócio, a preguiça e conseqüentemente à marginalização, basta observar as diferenças nas abordagens policiais nas ruas. Portanto sem as terras eles retornam ao estado de "vadiagem", pois conforme Indursky (2011, p.72), certos sentidos cristalizados podem se transformar e tornarem-se outros.

Voltando à teoria, são os discursos, as palavras, com significações, com sentidos diferentes inscritos na formação discursiva da classe dominante, na formação ideológica da hierarquização das raças. É o sentido como efeito ideológico, segundo Orlandi (1999, p.46) "Podemos dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações".

Na segunda parte do discurso do quilombola, será analisada a forma sujeito, a formação discursiva e ideológica:

"Passarinho comi jabuticaba, mas a gente não pode comer, é uma coisa muito proibida a gente chegar até no pé da jabuticaba, que é uma área proibida para os negros aqui da comunidade, porque hoje a gente sente o que foi a escravidão para o nosso antepassado, só do fazendeiro limitar a área pra gente andar aqui dentro da comunidade, a gente sabe que é difícil". A. do N. F. (Toninho Canecão)

Para melhor compreensão, as terras onde se localiza a comunidade de São José da Serra Valença RJ, onde vive o senhor Toninho, ainda não recebeu sua titulação, essa titulação garante a essas comunidades quilombolas, a regularização territorial junto ao INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Correio- Pravda.ru, 2012).

Ao aceitar a proibição de não ir até o pé de jabuticaba, os indivíduos dessa comunidade quilombola assumem a posição do bom sujeito, ou seja, se identificam plenamente com a formação discursiva de dominação. Nessa modalidade, segundo Costa (2009), há um processo de identificação do sujeito com a memória que determina a formação discursiva com a qual o sujeito se filia em seu discurso. Pode-se analisar também que o "pé de jabuticaba", representa o símbolo de subordinação da comunidade, daí volta-se um pouco à história da escravidão, citada no discurso ora analisado, e resgata-se uma corrente, fruto de uma visão preconceituosa, que retratava o indígena como "indolente e preguiçoso", pois fugia sempre ao trabalho escravo das lavouras durante a colonização portuguesa e o negro como "dócil e habituado a escravidão", Lima, (1974,p. 17-18), pois somente começaram a fugir tempo depois, por não conhecerem as terras, eram estrangeiros, e os indígenas nativos da terra conheciam as matas.

À luz da teoria, segundo Orlandi (1999, p.39), as condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores, um deles é a chamada relação de força, ou seja, o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Sendo a sociedade constituída por relações hierarquizadas, são as relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na "comunicação". No discurso, ora analisado, a fala do fazendeiro funciona como poder, pois o lugar de onde fala diz quem ele é. Mesmo que ele não esteja presente a sua ordem de não comer a jabuticaba é obedecida. Essa teoria é confirmada por Orlandi (1999, p.40), quando ela diz que esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias, não são os sujeitos físicos nem seus lugares empíricos que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções.

Ao se referir à limitação de andar na comunidade, pode-se dizer que os negros brasileiros não são livres, sendo quilombola ou não, ainda é escravo das conseqüências do racismo, que o coloca como cidadão "limitado", limitado em seus direitos de estar em todos os lugares, pois assim como acontece com o quilombola, há lugares onde os negros têm sua entrada limitada, como estudos comprovam em determinados cursos considerados de elite nas universidades seja ela pública ou privada, citando apenas um exemplo; limitado no mercado de trabalho recebendo os piores salários, segundo dados do IBGE (CENSO 2010) e se ocupando das chamadas profissões precárias, as que não são assistidas por direitos trabalhistas e são eles também que enfrentam os maiores índices de desemprego, são os que mais buscam atendimento na saúde pública e não recebem cobertura, enfim limitado, considerado como cidadão de segunda categoria.

Nos dois discursos analisados percebem-se a interdiscursividade, várias vezes que se expressam na fala do sujeito(GONDIM,2009, p. 13), mesmo assumindo a posição do bom sujeito e não indo até o pé de jabuticaba no discurso do quilombola, nota-se deslizamentos, quando ele traz á memória o seu passado de escravidão, reconhecendo como foi difícil para os seus ancestrais a escravidão e toda privação e limitação que dela decorria e como é difícil para ele e sua comunidade hoje viver com essas limitações dentro da comunidade, pode-se dizer que há uma contra identificação no seu discurso; já no discurso da quilombola, não se consegue perceber uma identificação, mas uma contra-identificação e mesmo uma certa rebeldia que pode chegar até á uma ruptura com a formação discursiva dominante.

Mesmo em posições sujeitos diferenciadas, nota-se pontos comuns nos dois discursos, ambos possuem as mesmas condições de produção, são negros, quilombolas, cuja história tem a mesma origem. O discurso da quilombola, por valorização da história do seu povo, reflete na titulação das terras defendida pelo senhor Toninho Canecão, são os discursos que se entrecruzam.Segundo Orlandi (1999, p. 30), as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação, acionadas pela memória. As condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

E ainda segundo Brandão (2006, p.44), as condições de produção, é o lugar de onde se fala, é a função, o papel desempenhado, os dois quilombolas desempenham papel de liderança em sua comunidade, e são marcados por lugares diferenciais em relação aos outros quilombolas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos analisados mostram como a formação ideológica dá ao indivíduo a idéia de que ele é livre na sua fala, mas o que se percebe é que nessa fala há o cruzamento de vários outros discursos já ditos e que nada é próprio, tudo é uma repetição em relação à língua. Vive-se em uma sociedade hierarquizada, as relações de forças se apresentam e o poder se mantém através dos papéis sociais que cada sujeito desempenha nos diferentes lugares, e quanto mais poder mais vale o que ele diz, a língua assim se transforma num instrumento de poder.

Brandão (2006, p.37), afirma que, o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso que passa por verdadeiro, que veicula o saber institucional é gerador de poder e sua produção é controlada por mecanismos e procedimentos que elimine qualquer ameaça à permanência desse poder.

O sujeito na Análise do Discurso é histórico, múltiplo, disperso, ocupa várias posições no discurso; de acordo com Orlandi (1999, p.50), ele é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas. O sujeito na Análise do Discurso é compreendido em sua forma sócio- histórica, é pensado como posição, o lugar que ocupa; é a posição que deve e pode ocupar todo o indivíduo para ser sujeito do que diz, Orlandi (1999, p.49).

São as formações discursivas, conforme Brandão (2006, p.46-47), que em uma formação ideológica específica, e levando em conta uma relação de classe, determinam, "o que pode e deve ser dito "a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. Ou seja, o discurso do sujeito não é livre, ele se inscreve em uma determinada formação discursiva, que por sua vez é componente de uma formação ideológica; o sujeito assim é levado a ocupar um lugar num determinado grupo ou classe de uma formação social.

Diante do exposto, lança-se mão de um dos dispositivos de análise, o lugar da interpretação, para melhor compreender e analisar o corpus selecionado, ou seja, os discursos. Como esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras, Orlandi (1999, p.59).

Enfim buscando todas as possibilidades para interpretar. Não procurando o sentido verdadeiro do discurso, mas a produção desses sentidos.

5. REFERÊNCIAS

BARONAS, Roberto Leiser. **Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão.** Porto Alegre: V Seminário de Estudos em Análise de Discurso, Artigo, 20 a 23 de setembro de 2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução á análise de discurso.** 2 ed. rev. Campinas:UNICAMP, 2004, 2 reimpressão 2006.

COSTA, Adriana A. Vaz. et al. **Lugares de identificação do sujeito- índio no discurso do conhecimento: entre lugares.** Maringá: Colóquio de Estudos Lingüísticos e Literários, UEM/PG-UEM, 2009.p. 1095-1103.

DOCUMENTÁRIO, **A voz dos quilombos.** Parte I. Superintendência da Promoção da Igualdade Racial e Assistência Social e Direitos Humanos: Rio de Janeiro, 2008.

GONDIM, Sonia M. Guedes. et al. **O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural.** Volume 2, n. 1. Salvador: UFBA, 2009.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena do discurso.** In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina L.(Orgs). Memória e história na/da análise do discurso. Campinas: Mercado de letras, 2011. p. 67-89.

LIMA, Lana L. da Gama. **Rebeldia negra e abolicionismo.** Vol.19. Rio de Janeiro: Achiamé, 1974.

MARINGONI, Gilberto. **História- o destino dos negros após a abolição.** 70 ed. Ano 8. São Paulo: Revista Desafios do desenvolvimento, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos.** 10 ed. Campinas: Pontes, 2012.